

A literatura russa da emigração: o caso Búnin*

Arlete Cavaliere**

Resumo: A vida e a obra de Ivan Búnin encarnam um dos dilemas essenciais da emigração russa: a obstinação em salvaguardar a herança e a unidade cultural russas, aliada, porém, a um processo contínuo e irreversível de integração progressiva e dinâmica em outro contexto artístico e cultural. Uma análise detida de seus textos narrativos nos encaminha, para além dos cânones da “grande” literatura russa do século XIX, a uma textualidade aberta a experimentações da modernidade, sempre a preservar uma espécie de russidade essencial.

Abstract: Ivan Bunin’s life and work embody one of the essential dilemmas of Russian emigration: the determination to safeguard the Russian cultural heritage and its unity, combined with a continuous, irreversible process of progressive and dynamic integration into a different artistic and cultural context. A close analysis of his narrative texts leads us, beyond the canons of ‘great’ nineteenth-century Russian literature, to a textuality that is open to modernity’s experimentation, while always preserving a certain essential “Russianness.”

Palavras chaves: Búnin; Literatura russa; Emigração russa.
Keywords: Bunin; Russian literature; Russian emigration.

* Artigo submetido em 22 de novembro de 2019 e aprovado em 03 de dezembro de 2019.

** Arlete Cavaliere é professora titular da área de Língua e Literatura Russa da USP. É autora de vários livros, entre eles *Antologia do Humor Russo* (org. Editora 34, 2018); *O inspetor geral de Gógol-Meyerhold: um espetáculo síntese* (Perspectiva, 1996); *Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco* (Humanitas, 2009).

O fenômeno da emigração russa ao longo do século XX e, em particular, o da literatura russa da emigração, já estudados sob vários aspectos pela crítica e pela história literária russa e ocidental, parecem demandar, ainda hoje, renovadas abordagens. Os materiais bibliográficos, e mesmo biográficos, são ainda fragmentários, em razão da perda ou da destruição de muitos deles. Muitos testemunhos de memorialistas, não raras vezes, apresentam visões parciais, unilaterais ou subjetivas. Cabe, talvez, em seu quase centenário, tentar iluminar as sombras que ainda recobrem esse processo coletivo e individual da diáspora russa, cujas características e especificidades resistem a generalizações ou simplificações, que marcaram por vezes a crítica e a história literária russa e soviética.

Esse intrincado processo, a integrar, de certo modo, o exílio da *inteliguêntsia* russa, não deve ser analisado como um único e uniforme evento histórico ao longo do século XX. Acontecimentos políticos e sociais diferenciados determinaram na Rússia (e depois, na União Soviética) a ocorrência de várias ondas de emigração para o exterior. Assim, as quatro principais ondas sucessivas da emigração russa ao longo do século XX, quais sejam, a primeira onda nos anos de 1920, a segunda nos anos 1940, a terceira nos anos de 1970-1980 e a quarta nos anos de 1990, apresentam motivações plurais em cada uma delas, a promover desdobramentos distintos, e muitas vezes opostos entre si, quer no interior de uma coletividade ou mesmo de determinadas individualidades. No entanto, essas ondas de emigração, a despeito de suas grandes diferenças demográficas, sociológicas e culturais, resultaram em um processo uno e orgânico, que promoveu, afinal, uma revitalização da razão de ser da cultura russa emigrada, cujos fundamentos essenciais se constituem desde a primeira onda.

Embora unificada em um mesmo movimento do êxodo provocado pela tomada do poder pelos bolcheviques, em 1917, e pela guerra civil que se seguiu, quando milhares de russos deixaram a sua pátria (estima-se que ao final da Guerra Civil quase um milhão de pessoas oriundas do império russo se encontrava fora das fronteiras da recém-criada União Soviética), podemos identificar no interior da primeira onda de emigração russa uma diversidade imensa de interesses e de opiniões veiculados por núcleos de intelectuais, artistas e cientistas russos exilados em capitais da Europa Ocidental, como Paris, Berlim ou Praga. Observa-se o surgimento de inúmeras publicações e de periódicos russos, que invadem a imprensa estrangeira, especialmente em Paris, entre 1919 e 1930, em que eram publicados não apenas obras literárias produzidas na emigração, mas também artigos dedicados à crítica literária, a questões políticas e filosóficas. Lembremos, como exemplo, apenas alguns títulos: os jornais *Dernières Nouvelles (Poslédnie Novosti)* e *Renaissance (Vozrosdenie)*, de Paris, e as revistas (*tolstye jurnaly - grosses revues*) como *Annales contemporaines (Sovremennye zapiski)*, de Paris, *Volonté de la Russie (Volya Rossii)*, de Praga.

Certamente, a construção de uma espécie de micro-sociedade russa autônoma, como ocorre, por exemplo, na França nos anos de 1920, quando a comunidade emigrada é reconhecida pelos franceses como uma parte representativa da chamada “Rússia branca”, resistente ao poder soviético recém-constituído, permitirá a esses apátridas gozar de uma liberdade pessoal e coletiva até então desconhecida por eles.

Mas é preciso também lembrar, acompanhando neste ponto os estudos pioneiros do estudioso Leonid Livak,¹ que o fenômeno da emigração russa da primeira onda não se constrói apenas por cidadãos que não aceitavam o Bolchevismo, mas também por aqueles que, ignorando o novo regime soviético, buscavam simplesmente uma vida nova além das fronteiras da Rússia, afastados das privações impostas em sua pátria. Dessa forma, nos anos de 1920, parece não existir ainda

1 Cf. bibliografia no final do artigo.

de modo nítido uma linha divisória entre os emigrados e os cidadãos soviéticos que simplesmente viajavam ou que, por circunstâncias diversas, residiam no exterior. A cisão entre o cidadão russo emigrado e o cidadão soviético tornou-se bem mais acentuada nos anos de 1930, quando a cultura soviética e a cultura russa na emigração acabam por se constituir como polos francamente opostos.

Assim, a emigração russa dos anos de 1920 e 1930, sobre a qual o presente artigo procura se deter, constitui um fenómeno *sui generis*, a instaurar uma era importante da história cultural russa, com reverberações significativas na própria evolução cultural e intelectual do Ocidente entre as duas guerras mundiais. De modo geral, três grupos de escritores representam a literatura da primeira onda da emigração na França: aqueles já maduros e consagrados internacionalmente (Ivan Búnin, Dmítri Merejkóvski, Konstantin Balmont), aqueles que começavam a solidificar suas carreiras na época da Revolução Russa de 1917 (Gueórgui Ivánov, Mark Adánov, Gueorgui Adamóvitch, entre outros) e os mais jovens, que se tornam escritores no exterior (Nina Berbérova, Iuri Félsen, Boris Poplávski, entre outros). Esses nomes conformam, por assim dizer, o núcleo central da atividade literária e das tendências estéticas da literatura russa emigrada nesse período, assim como de sua contribuição ao ocidente literário: se por um lado observa-se no exílio por parte da primeira geração um fluxo de continuação da tradição clássica literária da Rússia pré-revolucionária, não se pode desprezar o fato de que uma jovem geração em contato com o novo contexto cultural e artístico europeu ousava certo grau de experimentalismo e inovação.

Como bem mostra o estudioso Marc Raeff em um brilhante ensaio intitulado “La culture russe et l’émigration”,² podemos resumir os traços distintivos da emigração russa da seguinte forma:

elle était très nombreuse; elle comptait une masse importante et critique de personnalités créatrices; une partie non négligeable de ses membres faisait preuve d’un intérêt vital pour le domaine culturel – instruction, littérature, exposi-

2 FAYARD, 1988, p. 62.

tions, spectacles théâtraux et musicaux. Elle se voyait comme un prolongement de la Russie, tant historiquement que géographiquement. Elle maintenait des contacts étroits et des rapports épistolaires entre les divers centres de sa diaspora. La diversité politique et sociale de ses membres assurait un vaste éventail d'idéologies, d'intérêts intellectuels, de goûts, qui permettaient la floraison de 'centaines de fleurs' dans ses jardins culturels et artistique.

É por entre um desses jardins culturais semeados pela emigração russa, a Paris dos anos de 1920-1930, que proponho lançar um olhar oblíquo à figura de Ivan Búnin (1870-1953).

Considerado um dos representantes maiores da primeira onda da emigração russa, Búnin constitui, talvez, a imagem emblemática das próprias contradições internas da literatura da emigração. Apesar da polêmica criada na própria comunidade literária russa, a respeito do Prêmio Nobel a ele outorgado, em 1933, (Merejkóvski e até mesmo Górkí não seriam mais conhecidos do grande público, ou talvez até melhores escritores?...), certamente a conquista de Búnin significou também o triunfo da emigração e da "alma russa" genuína e livre, a se impor sobre o novo homem soviético, representado, por exemplo, por Górkí, também cotado para o prêmio.

A Revolução de Outubro, sentida por Búnin como uma catástrofe e como a derrocada da sua Rússia natal e de suas raízes culturais plantadas na tradição do campo e da natureza russa, significou também a interrupção do fluxo de sua atividade literária. Em 1918, ele se transfere de Moscou para Odessa, cidade ainda não submetida ao poder dos bolcheviques, de onde partiria em definitivo com sua mulher, Vera Murometsova, em janeiro de 1920, a bordo do pequeno navio francês Patras, lotado de imigrantes. Ainda em 1920, depois de passar pela Turquia e Bulgária, o casal se estabelece em Paris, um dos centros nevrálgicos da emigração russa. A presença respeitada do escritor em solo europeu chama a atenção de escritores não russos, como Romain Rolland e André Gide, D.H. Lawrence, Virginia Woolf, Thomas Mann.

A crítica costuma dividir a carreira literária de Búnin em duas fases: os anos vividos na Rússia, quando produz aproxi-

madamente a metade de seus escritos, e a segunda e última fase de sua vida, vivida no exílio, quando escreve a derradeira parte de sua obra. Certo viés da crítica chegou a ponderar que os textos de Búnin escritos entre 1920 e 1930 seriam, talvez, de melhor qualidade artística do que as obras escritas antes da Revolução, avaliação bastante discutível. Apesar de iniciar a sua carreira como poeta (seus poemas apresentam em grande parte uma formatação clássica e tradicional nos moldes oitocentistas russos), durante o período do exílio sua produção poética se mostra bem menor do que aquela em prosa.

Embora avesso a reuniões coletivas e participações públicas, Búnin liga-se à comunidade da emigração russa em Paris e trava conhecimento com escritores e artistas, como Mark Aldonov, Zinaída Guíppius, Vladislav Khodasévitch, Aleksei Tolstói e Aleksandr Kúprin, entre outros.

Em sua fase parisiense inicial, o escritor abandona por algum tempo a sua escritura propriamente literária e se dedica a proferir palestras sobre literatura e sociedade. Acompanha, assim, o movimento dos primeiros escritores emigrados, que se apresentavam ao público no exterior como profetas da velha Rússia, apartada de sua herança cultural, depois dos eventos de Outubro de 1917.

Seus inúmeros escritos publicistas nestes primeiros anos parisienses procuram chamar a atenção da comunidade internacional para a situação política dos exilados, desprovidos de nacionalidade, e para a aniquilação dos valores fundamentais da cultura russa pelo recém-criado governo soviético. Lembre-se do impacto produzido na comunidade russa exilada por sua palestra “Missão da emigração russa”, proferida em Paris, em 1922, conclamando-a a preservar a memória russa e a lutar contra a violência do bolchevismo. Búnin se tornou colaborador ativo de veículos da emigração, publicados em toda a Europa em língua russa, e desempenhou um papel importante dentro da diáspora russa, tornando-se presidente da Associação dos Escritores Russos de Paris, passando depois à categoria de membro honorário.

Escritos memorialistas, diários, reminiscências, depoimentos, enfim, escritos sobre os anos imediatamente pós-revolu-

cionários e as vicissitudes da Revolução e da Guerra Civil, descritas por Búnin como um caos social e cultural, ocupariam seus primeiros anos parisienses, a externar as suas preocupações como cidadão e escritor russo emigrado. Ao longo de 1925-26, publicou *Okaiánnie dni* (Dias malditos), seus diários de 1918-20.

Em 1925 o escritor retomaria a sua produção literária com a publicação da novela *O amor de Mitia* (*Mitina liubov*), e logo depois, em 1926, vem à luz *O processo do tenente Ieláguin* (*Delo korneta Elaguina*),³ sobre a qual pretendo me deter um pouco mais adiante.

Nestes e em outros textos de ficção (era um mestre da narrativa curta), que se sucedem até a sua morte, em 1953, (suas mais remarcáveis produções seriam *A vida de Arséniev – Jizn' Arsenieva* -1930 – e a coletânea de contos *Tiomnie allei – Aléias escuras* -, 1943) surgem os temas recorrentes da prosa de Búnin, que constituem as marcas distintivas da sua escritura: o amor, a morte, a memória, a natureza russa. Alguns de seus heróis se assemelham, é verdade, a uma espécie de autobiografia memorialista (por exemplo, *A vida de Arséniev* – um longo poema em prosa). O escritor Paustovski chegou a declarar sobre o texto que não se tratava de um romance, tampouco de um conto e muito menos de uma novela. O trabalho esmerado com a palavra e com a língua russa o distingue como um dos grandes estilistas russos, afastando a sua escritura de uma simples escritura do “eu”. Na concisão e na estrutura inovadora de suas narrativas estariam ausentes as proposições ideológicas e políticas de caráter panfletário, frequentes em seus textos publicísticos.

Mesmo que Búnin, em companhia de outros escritores emigrados eminentes, como por exemplo Zinaída Hippus e Dmítri Mérejkovski, se opusesse veementemente aos contatos e às interações artísticas e estéticas entre a literatura russa da emigração e a da nascente União Soviética, bastante dinâmicas nos inícios da década de 1920, e, ainda, se nos textos li-

3 Ambas as novelas foram publicadas pela Editora 34, São Paulo, 2016, em tradução de Boris Schnaiderman.

terários desse período inicial se ressentem a herança artística do período russo da Era de Prata, traço marcante, aliás, em muitos dos escritores da primeira onda da emigração russa, surpreendem-se, todavia, na escritura de Búnin, rasgos de inovação afeitos às últimas experiências modernistas russas e europeias.

Por isso mesmo, sua criação literária no exílio acaba por refratar, ainda que à sua revelia, não exatamente a unidade da cultura e da literatura russa na emigração, mas, isto sim, a construção de um movimento subliminar de oposições complementares, capaz de engendrar um prolongamento da Era de Prata e, ao mesmo tempo, de experiências modernistas na Rússia e no Ocidente. É bom lembrar que, especialmente durante o período da NEP (Nova Política Econômica), entre a União Soviética e a Europa Ocidental, e em particular a França, era possível fomentar um rico intercâmbio artístico e estético, que intensificava as relações e o fluxo de informações entre a emigração e a Rússia. Situação que se transformará radicalmente, como se sabe, depois 1928, quando o sistema soviético já consolidado promove a supressão absoluta de qualquer contato entre os emigrados e sua pátria.

Considerado pela crítica um porta voz exacerbado da missão da literatura russa da emigração, a cosmogonia criativa de Búnin parece ultrapassar, porém, os slogans vigentes no plano do pensamento estético mais ortodoxo da emigração na primeira onda (à qual ele costuma ser filiado como um dos maiores representantes) para se inserir, afinal, nas mais modernas experiências literárias e artísticas de seu tempo.

Tome-se como modelo exemplar, em uma breve análise, a construção da novela *O processo do tenente Ieláguin*.

O protagonista desta novela, o jovem apaixonado tenente Ieláguin, promove a sua “queda” de modo similar a outros tantos anti-heróis russos, como Oblómov, de Gontcharóv, como a figura crística do príncipe Míchkin – o “idiota” de Dostoiévski – ou como Raskólnikov, de *Crime e Castigo*.

Trata-se da história de um processo criminal, baseada em fatos reais, ocorridos no verão de 1890, quando o caso amo-

roso entre a atriz polonesa Maria Wisnowskva e o jovem militar russo Aleksandr Bartenev resultou em um assassinato que chocou a Rússia. As insólitas revelações surgidas durante o processo judicial e os contornos misteriosos e absurdos do *affair* serviram, mais de três décadas depois, de base para o trecho dessa narrativa magistral de Búnin, em que a análise psicológica dos personagens e as reflexões filosóficas confluem para um modelo renovado do gênero do romance policial.

O manuscrito é datado de 11 de setembro de 1925 e a novela veio a público pela primeira vez em 1926 na revista *Sovremiennie Zapiski* (*Anais Contemporâneos*), vol. XXVIII, periódico editado por emigrados russos em Paris.

O leitor vai se deparar, na confissão final do protagonista, o tenente Ieláguin, não apenas com o possível esclarecimento de um “misterioso” crime passionai, mas também com a confirmação de um dos paradoxos mais contundentes do pensamento russo: quanto mais miserável é a realidade russa, mais ela é santificada. Ivan Kiriêievski, expoente do movimento eslavófilo russo, declarou que para compreender algo tão vasto e terrível como a Rússia é preciso refletir sobre ela não apenas de perto, mas principalmente à distância.

A maestria de Búnin na construção desta novela, em que olhares multifacetados interagem, a refratar os acontecimentos por meio de vozes diversas e dissonantes, compõe um feixe de enunciados que fazem o relato rodopiar por entre as camadas em mil folhas de um processo criminal. Disso decorrem os deslocamentos incessantes na recepção do leitor diante dos fatos narrados e suas motivações psicológicas. O embate do feminino e do masculino, a arte da representação (encenação?) amorosa (não por acaso, certamente, a encantadora heroína de Búnin, Mária Sosnóvskaia, é uma atriz de teatro) e as mazelas da paixão (tudo isto posto sob o olhar público e perscrutador das autoridades e dos habitantes locais) conduzem a narrativa a um vertiginoso jogo entre realidade e fantasia, a desenhar, afinal, um quadro desesperado e desesperançado da vida e do amor. Enredados em um turbilhão de suspense e

reviravoltas da trama, narrador, personagens e leitor se veem, por vezes, à deriva na captação dos filamentos subliminares que tecem e re-tecem os trágicos destinos.

Seria, certamente, simplificar a potência estética desta novela, e de grande parte de seus contos e narrativas curtas, admitir, sem qualquer questionamento, o epíteto de “o último clássico russo”, conferido muitas vezes a Búnin, principalmente pela crítica soviética. É certo que sua extraordinária capacidade de observação e análise contundentes da vida e da psicologia de seus heróis o filia, em certo sentido, à tradição dos grandes realistas russos. Mas há na escritura de Búnin, como se verifica nesta novela, procedimentos artísticos peculiares, em que se observam muitas das estratégias de textualidades modernas. O movimento de seu narrar se dá, por assim dizer, em linhas curvas: digressões, fragmentos narrativos isolados, fiapos discursivos, disposição inesperada dos acontecimentos se desdobram em frases sincopadas, ritmos e sonoridades textuais, de cuja fusão parece ecoar uma melodia encantatória, a promover o encontro com o poético. Interessa-o, por isso mesmo, questões da essência insondável da natureza humana como o amor, a paixão, a memória e a morte, que ele aborda e elabora com tanta propriedade, e de modo tão incomum, a ponto de Vigótski afirmar, em estudo brilhante a respeito de *Respiração Suave (Liókhkoe dykhanie)*, novela de 1916 – outra obra prima da prosa russa –, que o trabalho de Búnin com as palavras produz um efeito estético equivalente à transmutação da água em vinho.

Com efeito, uma análise mais detida de seus textos narrativos nos permite surpreender, para além do prolongamento dos cânones da “grande” literatura russa do século XIX, uma textualidade aberta à modernidade, sem deixar de preservar, porém, a essência de uma *russité*, presente, sobretudo, no seu trabalho com a língua materna.

Neste sentido, será preciso, no caso de Búnin, nuançar a percepção de uma geração de emigrados apenas voltada à recuperação do passado e da tradição literária pré-revolucionária. A integração e a inserção em uma nova pátria e, sobretudo,

o afluxo de novas tendências exploradas por escritores russos mais jovens da emigração (cujo expoente foi, sem dúvida, Boris Poplávski), podem ser captados nas filigranas de sua ficção, em que à fidelidade às raízes nacionais parece se conjugar também toda a expansão estética e artística proposta pelas novas gerações de artistas e de escritores, russos e estrangeiros, imersos nos movimentos artísticos gestados nos cafés de Montparnasse na década de 1920.

A vida e a obra de Ivan Búnin parecem encarnar um dos dilemas fundamentais da emigração russa, qual seja a obstinação em salvaguardar toda a herança e a unidade cultural da Rússia, sem se abster, porém, de uma renovada e criativa interpretação desse passado nacional, rumo a um vanguardismo cultural e artístico, a ser alcançado por meio de um processo contínuo e irreversível de integração gradativa e dinâmica no seio de um outro contexto cultural.

Não residiria nesse dilema um dos grandes paradoxos da própria cultura russa vigente ainda hoje? Aderir ao Ocidente e à europeização ou resistir a ele e ser capaz de seguir seu próprio e complexo caminho histórico e cultural? É justamente desse terreno movediço ambivalente que se nutrem e se unificam a literatura e a cultura russa da emigração: hesitação entre negação e afirmação nacional, unificadas e erigidas, porém, sobre esse mesmo caráter dúplice, dividido e contraditório de sua história, de seu pensamento e de sua arte.

Referências bibliográficas

BÚNIN, Ivan. *Míssia rússkoi emigrátsii* (A missão da emigração russa). Discurso em Paris em 16 de fevereiro de 1924. Disponível em: <http://bunin.niv.ru/bunin/bio/missiyaemigracii.htm>

_____. *Contos escolhidos* (tradução de Márcia Pileggi Vinha), São Paulo, Editora Amarelly, 2013.

_____. *O Processo do Tenente Ieláguin* (tradução de Boris

Schnaiderman), São Paulo, Editora 34, 2016.

----- . *O amor de Mítia* (tradução de Boris Schnaiderman), São Paulo, Editora 34, 2016.

LIVAK, L. *Émigrés in the Intellectual and Literary Life of Inter-war France: A Bibliographical Essay*. Montréal: McGill-Queen's University Press, 2010.

----- . *How It was Done in Paris: Russian Émigré Literature and French Modernism*. Madison: University of Wisconsin Press, 2003.

----- . " L'Émigration russe et les élites culturelles françaises, 1920-1925: Les débuts d'une collaboration". In: *Cahiers du monde russe*, Janeiro 2007.

RAEFF, M. "La culture russe et l'émigration", in *Histoire de la littérature russe - Le XXe. Siècle – La Révolution et les années vingt*, Fayard, 1988.

STRUVE, G. *Rússkaia literatura v izgnánii* (A literatura russa no exílio). Paris-Moscú: YMCA-Press-Rússki Put, 1996.

TIHANOV, G. *Narrativas do exílio: Cosmopolitismo além da imaginação liberal*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

VINHA, P.M. *O fio do tempo: o universo de Ivan Búnin*, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, São Paulo, 2007.